

## **ANBIMA assume vice-presidência da associação de fundos da Ibero-América**

### ***Zeca Doherty terá mandato de dois anos à frente da entidade***

Zeca Doherty, nosso superintendente-geral, assumiu, nesta quarta-feira (25), a vice-presidência da [Fiafin \(Federação Iberoamericana de Fundos de Investimento\)](#). A entidade reúne 13 associações da Ibero-América (países com língua portuguesa ou espanhola, principalmente da América Latina), que somam US\$ 1,2 trilhão de ativos sob gestão. A missão da Fiafin é integrar todas as associações de fundos da região para promover crescimento, desenvolvimento e consolidação destes produtos como canalizador de poupança.

Zeca, que foi diretor da entidade por quatro anos, fará dupla com a presidente recém-eleita Monica Cavallini, da AMFL, associação de fundos do Chile. Ambos terão mandato de dois anos, renovável por mais dois. Tatiana Itikawa, gerente de Representação de Fundos da ANBIMA, será suplente de Zeca.

“Fico contente em ocupar essa cadeira e representar o Brasil, a maior indústria de fundos da América Latina, na Fiafin. Pretendo compartilhar nossos aprendizados, como também trocar experiências com nossos pares”, diz Zeca. Recentemente, o executivo assumiu a presidência da IIFA (Associação Internacional de Fundos de Investimento). Para ele, essa dobradinha será estratégica. “Com as lideranças na Fiafin e na IIFA, será possível unificar importantes discussões e fortalecer a representatividade da América Latina nos debates mundiais sobre gestão de recursos”, pontua.

### **Plano de ação**

A Fiafin acaba de definir o plano de ação para 2021. Muitos dos projetos previstos para este ano foram pausados por conta da pandemia e ficaram para o próximo. Investimentos sustentáveis; avanços tecnológicos, como o crescimento das fintechs e práticas de cibersegurança; integração entre os países da América Latina; e educação são alguns dos temas da agenda. Eles são discutidos em comitês formados por representantes dos países da federação. O Brasil é responsável por conduzir a pauta de educação. Atualmente, trabalhamos em um levantamento das ações de cada país membro da Fiafin para traçar, na sequência, uma estratégia para avançar no tema.

---

## **Congresso 2020: Inteligência artificial traz previsões mais assertivas para todos os setores**

### ***Para Ajay Agrawal, da Universidade de Toronto, as máquinas preveem cenários melhor do que os humanos e devem ser aliadas das companhias***

“A inteligência artificial tem a tendência de criar poder de mercado e é essa a razão pela qual ela atrai tantos investimentos”, afirma Ajay Agrawal, responsável pela área de empreendedorismo e inovação da Universidade de Toronto. Ele participou do terceiro dia de palestras do [Congresso Brasileiro de Mercado de Capitais](#), evento da ANBIMA e da [B3](#), nesta quarta-feira (25).

Os economistas, segundo ele, abordam a tecnologia de uma maneira muito simples. Eles buscam entender como ela pode reduzir custos. Mas a IA (inteligência artificial) vai além: reduz o custo da previsão. Ou seja, usa uma informação que se tem na mão para gerar outra que ainda não se tem.

### **Valiosas previsões**

Por que as companhias estão investindo de forma tão pesada e rápida em inteligência artificial? A resposta está ligada à capacidade dela ser aplicada a diferentes setores e ao fato de que não é mais caro produzir previsões mais assertivas. O poder da IA está ligado aos benefícios de sua retroalimentação, o que Agrawal chamou de feedback loops. Ou seja, quanto mais dados são

coletados e analisados, melhores ficam as previsões, levando a um número maior de usuários, que, por sua vez, produzem dados que retroalimentarão o sistema, criando um ciclo virtuoso.

No entanto, há ressalvas: as máquinas reconhecem padrões, por isso têm dificuldade em lidar com fatos inesperados. “No caso da pandemia de Covid-19, que não se tinha dados prévios, a máquina teve um desempenho ruim, pois não está treinada”, explica. Os modelos fazem previsões estatísticas e não têm como intuir determinados acontecimentos, a não ser utilizando dados passados para tentar prever o futuro. “Uma das coisas importantes a se ter em mente é que as máquinas são boas em determinar correlações, mas não são tão boas em entender casualidades”, acrescenta.

Questionado por Fernando Pires, sócio da Dynamo, acerca de recomendações às empresas que querem usar a inteligência artificial, Agrawal enfatizou a necessidade em saber o que a IA pode e o que não pode fazer. “IAs não são mágicas, são estatísticas computacionais”, assinalou.

Outro conselho é que os projetos devem ser liderados ou ter forte envolvimento do alto escalão das companhias. “A maior falha na implementação de IA é a falta de visão da alta direção. O CEO tem de apontar qual é o objetivo, aonde ele quer chegar com ela.” Ajay ressalta que é preciso saber a meta a ser alcançada, e não criar o modelo de IA apenas por ter determinados dados disponíveis.

Sobre à aplicação no segmento financeiro, Ajay, que também é fundador do Creative Destruction Lab, avalia que os profissionais cuja função é prever serão fortemente afetados. Ele explica que, apesar da IA não fazer previsões perfeitas, ela faz previsões melhores que os seres humanos.

---

## **Congresso 2020: Adoção dos fatores ASG começa a ganhar tração no Brasil**

### ***Práticas socioambientais e de governança tornam empresas mais competitivas e valorizadas pela sociedade e pelo mercado***

Os chamados fatores ASG, ligados a boas práticas ambientais, sociais e de governança, não são uma novidade, pelo contrário. À medida que preocupações com o clima e com o combate à desigualdade ganham corpo, cresce a pressão para que o mundo corporativo acelere as mudanças em sua forma de atuar. Nunca se falou tanto em ASG como em 2020, ano marcado por pandemia e desastres ambientais associados ao aquecimento global.

Neste contexto, o mercado financeiro também vem sendo convocado a dar sua contribuição, destaca Carlos Takahashi, diretor da ANBIMA e CEO da BlackRock no Brasil. “O papel do mercado financeiro é fundamental para incentivar a adoção das práticas ASG. É uma jornada da qual todos precisamos participar e assumir compromissos com as mudanças”, comenta, em um dos painéis do [Congresso Brasileiro de Mercado de Capitais](#), evento organizado pela ANBIMA e pela [B3](#), nesta quarta-feira (25).

Ele lembrou compromissos da BlackRock reforçados com a tradicional carta do CEO e presidente do conselho, Larry Fink, que neste ano colocou o tema sustentabilidade como prioridade da empresa. Na agenda da BlackRock, destaca Takahashi, estão iniciativas para dar transversalidade ao assunto em todo o portfólio de gestão ativa, trabalhar junto com os provedores de índices para que eles também incorporem os fatores, deixar de investir em empresas de carvão vegetal e demandar, daquelas que ainda usam esta fonte de energia, um plano de transição para uma matriz limpa. “Queremos colaborar para que as empresas incorporem os fatores ASG em suas práticas e cuidem de temas importantes. Foi como a BlackRock escolheu para sair do campo inspiracional e ir para a ação”, complementa.

[+ Confira a cobertura completa de todos os painéis do congresso](#)

Para Ana Buchaim, diretora da B3, o impacto dos fatores ASG nas companhias e nas dinâmicas do mercado de capitais é um tema exponencial. “Os investidores, além da sociedade, também estão atentos a isto. Empresas que adotam boas práticas passam a ter vantagens sobre seus

competidores”, diz. Ela acrescenta que, quando comparado a outros países, o Brasil ainda está mais lento na adoção do ASG e precisa acelerar daqui em diante para não perder competitividade.

Um exemplo de como o uso desses fatores na estratégia das empresas dá resultado é uma captação da Suzano, no valor de US\$ 750 milhões em sustainability-linked bonds (título de dívida sustentável), realizada em setembro. A remuneração paga ao investidor está associada ao cumprimento de indicadores de performance ambientais (KPIs). “Lançamos os bonds com uma taxa abaixo da nossa curva de juro e os investidores aceitaram pagar porque nos comprometemos com metas ligadas ao meio ambiente e, se não cumprirmos, terá uma penalidade. É um erro achar que investir em ASG é um custo. É gerar valor, atrair talentos, reduzir custo de capital”, comenta Walter Schalka, presidente da Suzano.

[+ Inscreva-se no evento para acompanhar todos os debates](#)

Questionado pela diretora da B3 sobre como medir se, de fato, uma empresa adota práticas sustentáveis e não usa isso apenas como discurso, Schalka pontuou a necessidade de que as companhias estabeleçam metas e deem transparência a elas. Ele cita algumas definidas pela Suzano para os próximos dez anos, como retirar 40 milhões de toneladas de carbono da natureza e outros 10 milhões de toneladas de plástico do meio ambiente. “Temos metas públicas de consumo de água, de utilização de aterros e todos os indicadores auditados por uma terceira parte”, diz.

Takahashi lembrou algumas iniciativas da ANBIMA, lideradas pelo [Grupo Consultivo de Sustentabilidade](#), para colaborar na formação de um ambiente que estimule os gestores do mercado a adotarem o ASG. “Estamos focados em fazer um mapeamento, quantitativo e qualitativo, para saber quem está neste mercado e qual o mindset das gestoras sobre o assunto”, explica. “A ANBIMA, como uma associação representativa e com papel indutor relevante, pode trazer muitas contribuições”, conclui.

O presidente da Suzano acrescenta que todos os agentes, públicos e privados, precisam participar desta agenda com foco nas práticas ASG, lembrando que, em alguns casos, o regulador também tem de agir. E provocou a B3: “Eu falei com o Gilson [presidente da B3] que a bolsa tem de lançar a precificação de carbono, pois precisamos entrar no mercado regulado de carbono. Vai ser bom para o Brasil e pode trazer US\$ 10 bilhões por ano para preservação da Amazônia”, afirma.

---

## **Congresso 2020: Juros baixos fomentam empreendedorismo e diversificação dos investimentos**

### ***Mudança estrutural no patamar da taxa básica da economia também estimula empresas a acessarem o mercado de capitais***

A redução da Selic de 14,25% ao ano, em 2016, para 2%, em 2020, está mudando de maneira significativa a forma como os brasileiros lidam com o dinheiro. E isso se acentuará em caso de manutenção da taxa básica de juros da economia em patamares baixos. O cenário estimulará as pessoas a assumirem mais riscos em suas aplicações e fomentará o empreendedorismo, com cada vez mais novos negócios. Esse foi um dos temas do debate que abriu o terceiro dia do [Congresso Brasileiro de Mercado de Capitais](#), evento organizado pela ANBIMA e pela [B3](#) nesta quarta (25).

“A maior transformação que poderia acontecer no Brasil é a redução da taxa de juros. O país sempre foi rentista, com monopólios e oligopólios que não faziam o dinheiro circular. Hoje, as pessoas são obrigadas a pensar no longo prazo, a assumir riscos, a diversificar os investimentos e a empreender”, afirma Guilherme Benchimol, fundador e CEO da XP Inc.

À frente de uma empresa com 2,6 milhões de clientes, Benchimol criou a XP há 19 anos com o objetivo de democratizar o acesso aos investimentos no país. Em um cenário de juros baixos, ele acredita que mais empreendedores emergirão com ideias inovadoras e disruptivas. “Sempre fomos um país instável e as pessoas buscavam estabilidade, tanto que o sonho dos brasileiros era ser concursado público. Mas isso não pode ser o sonho de uma nação inteira. Se antes a taxa de juros

desestimulava a abertura de um negócio, hoje aflora o empreendedorismo”, diz.

### **Novas fontes de financiamento**

Juros mais baixos também ampliam as fontes de financiamento das empresas, que passam a enxergar o mercado de capitais como uma alternativa cada vez mais acessível. Felipe Paiva, diretor da B3, lembrou que, nos últimos dez anos, foram feitas mais de 210 ofertas públicas na bolsa brasileira, com cerca de R\$ 500 bilhões captados em IPOs (ofertas públicas iniciais de ações) e follow-ons. “Este ano, bateremos o recorde de IPOs na bolsa, além de termos alcançado a marca de 3 milhões de pessoas físicas na B3. Isso é só o começo da transformação”, opina.

[+ Inscreva-se no congresso e assista aos demais bate-papos](#)

A mentalidade dos brasileiros também começa a mudar. Benchimol afirma que 70% dos investimentos aqui estão atrelados ao CDI e a tendência é que parte desses recursos migre para ativos de risco nos próximos anos. “O yield [retorno sobre o investimento] na bolsa brasileira é de 2,5%, ou seja, o dividendo que a pessoa recebe ao comprar o Ibovespa é superior ao que ela ganha com o CDI”, diz.

### **Transformação digital está só começando**

Nos últimos anos, o ecossistema de startups amadureceu, com o crescimento de diversas empresas de base tecnológica e o fortalecimento de players importantes da cadeia, como fundos de venture capital, corporate venture e investidores-anjo. Em 2020, milhares de empresas também foram obrigadas a acelerar suas transformações digitais durante a pandemia. Para Fabrício Bloisi, CEO do iFood e presidente do conselho do Grupo Movile, os próximos três anos serão ainda mais agressivos na jornada de digitalização das empresas no Brasil, com a oportunidade da chegada ao mercado – ou do crescimento – de mais companhias digitais e disruptivas.

[+ Confira a cobertura completa do evento](#)

Questionado pelos outros participantes, ele afirma que ainda não é a hora para abertura de capital do iFood. “Acreditamos que temos tamanho para isso, estamos capitalizando e fazendo vários investimentos, mas não é o momento agora. É uma conversa que temos no conselho e que pode ser reavaliada”, explica Bloisi. Mas ressalta o crescimento do iFood: “Em oito meses, avançamos dois anos em termos de penetração. Só em agosto foram mais de 45 milhões de pedidos na plataforma”, conta o empreendedor.

Muitas indústrias serão impactadas com o uso de tecnologias como a inteligência artificial, a exemplo dos setores de educação e saúde. Na próxima década, o digital deverá estar no centro dos negócios. “Há alguns anos, das dez principais empresas norte-americanas, apenas uma era de tecnologia. Hoje são cinco. Na China, ocorreu o mesmo. Espero um cenário parecido no Brasil. Em breve, não falaremos mais de unicórnios que valem US\$ 1 bilhão, mas de empresas com valor de mercado de US\$ 100 bilhões”, completa Bloisi.

**Fonte:** ANBIMA, em 26.11.2020